

Uma língua viva, viva a língua portuguesa!

» LUÍS FARO RAMOS
Embaixador de Portugal no Brasil

Há dias na nossa carreira profissional que nunca esqueçamos. Em 17 de outubro de 2019, eu estava em Paris, na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a assistir à proclamação do 5 de maio como o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Era então presidente do Instituto Camões, que tem como uma das suas principais funções a promoção da língua portuguesa, e aquele acontecimento foi um dos mais impactantes que vivi. Porque o que se decidia nesse dia era muito mais valioso do que um ato formal. Era uma porta que se abria, o reconhecimento do valor e do potencial da quinta língua mais falada no mundo.

Presto aqui tributo ao trabalho incansável do representante de Portugal junto à Unesco, o embaixador António Sampaio da Nóvoa, que mobilizou os seus colegas representantes dos restantes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa para aquela causa comum, que hoje é uma realidade. A língua portuguesa é a única língua não oficial das Nações Unidas à qual é dedicado um dia mundial. E isso, esperamos, é um passo importante no sentido da nossa língua vir a ser, um dia, língua oficial das Nações Unidas.

Hoje, no Brasil, onde tenho a honra de servir como embaixador de Portugal, celebro com muito entusiasmo o Dia Mundial da Língua Portuguesa. A situação sanitária que se abateu sobre o planeta não permite celebrar como desejávamos. Mas o dia veio para ficar, e melhores ocasiões teremos no futuro para celebrar, aqui como um pouco por

todo o mundo, o dia da Língua de José Saramago, Fernando Pessoa, Lídia Jorge, Mia Couto, Néida Piñon ou Clarice Lispector.

Ninguém como os poetas para expressar a beleza das coisas, para encontrar o sublime naquilo que, à primeira vista, é normal. Por isso, hoje, 5 de Maio de 2021, quando celebramos pela segunda vez o Dia Mundial da Língua Portuguesa, trago para este texto as palavras belíssimas pronunciadas pelo poeta português Manuel Alegre.

“Essa é a língua que anda pelos cinco continentes, língua de diferentes identidades e culturas, em que as vogais, como já tenho dito, não têm todas a mesma cor. E em que as consoantes, como se sabe, em Portugal assobiam, na África cantam e no Brasil dançam. Quando os poetas brasileiros chegaram à minha geração, tiraram a gravata aos poemas que então escrevíamos. Traziam outra frescura, uma linguagem menos convencional e mais despojada, “Uma faca só lâmina”, a “Rosa do povo” e

também “As três mulheres do sabonete Araxá”. Começamos a lê-los e, às tantas, estávamos em mangas de camisa a caminho de Pasárgada. Era a mesma língua e era outra. Una e diferente.”

Como não nos maravilhamos perante uma língua, cuja riqueza está na sua pluralidade cuja força está na sua diversidade, cujo futuro está garantido entre as línguas mais faladas do Mundo, e que se fala em todos os continentes?

Ontem, na Europa, hoje, na América Latina, amanhã, na África: eis o horizonte da língua portuguesa a espalhar-se, como dizia o grande pensador Eduardo Lourenço, “pela mesma pele, queimada aqui e ali por sóis diferentes”. Desde a proclamação da Unesco, em 2019, o círculo de amigos da língua portuguesa vem se alargando. Para lá da ação verdadeiramente notável que as instituições responsáveis, designadamente em Portugal e no Brasil, vêm empreendendo na promoção da língua, cada vez mais países se interes-

ressam pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a ponto de, hoje, os observadores associados serem mais do dobro dos países membros daquela Comunidade.

Celebremos, pois, a língua portuguesa. “Sou poliglota dentro do nosso idioma”, disse Vinicius Terra esta semana, quando, ao lado de Dino D’Santiago e Sara Correia, apresentava o projeto “Meu bairro, minha língua”, a convite do Museu da Língua Portuguesa. Que melhor exemplo da riqueza e diversidade da língua que somos?

Uma língua inclusiva, viva. Viva a língua portuguesa!



Proteção ou penalização das mulheres?

» JOSÉ PASTORE

Professor da FEA-USP e presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP. É membro da Academia Paulista de Letras

No meio desta pavorosa pandemia, quando grande parte das empresas não tem receita nem para pagar luz, água e impostos, o Senado Federal aprovou Projeto de Lei (PLC 130/2011) que obriga os empregadores a pagar uma multa de até cinco vezes o valor da diferença entre o salário do homem e o da mulher na mesma função se assim for determinado pela Justiça do Trabalho. O projeto está na Câmara dos Deputados onde se cogita passar esse poder aos auditores fiscais.

De fato, os salários das mulheres, em média, são 23% mais baixos do que os dos homens. Mas, quando se analisa separadamente o mercado formal e o informal — onde as mulheres trabalham como diaristas, faxineiras, empregadas domésticas, cuidadoras etc. com salários baixos —, a diferença cai para 17%. Quando se faz o cálculo em salário-hora, a diferença é reduzida a 10%. Como atribuir isso à discriminação?

Diferenças de remuneração decorrem de experiência na profissão e na função, senioridade, especialização, responsabilidade, desempenho pessoal, complexidade do local de trabalho, domínio de tecnologias digitais e outros fatores. Isso requer estudos acurados. A remuneração das médicas americanas, por exemplo, é 29% menor do que a dos

médicos na mesma função. Mas, depois de controlar os fatores indicados, cai para 4,6%. Se a lei for aprovada no Brasil, será extremamente difícil para os magistrados ou auditores fiscais separar esses fatores para identificar eventual discriminação.

“Função” também tem muitas nuances. Por exemplo, os gerentes de uma grande agência bancária têm exigências de conhecimento que não são necessárias para um gerente de um pequeno posto de atendimento bancário dentro de uma empresa. A função é a mesma e, muitas vezes, a gerente da grande agência é mulher.

Uma faculdade que ofereça diferentes cursos de graduação pode entender não justificar equiparação de funções e de salário entre um professor de matemática e outro de educação física, bem como entre um professor de direito processual civil e outro de direito tributário e constitucional. É um assunto controvertido. O próprio Tribunal Superior do Trabalho vê a necessidade de equiparação salarial no primeiro caso, mas não no segundo. Isso demonstra a complexidade da matéria e a subjetividade no tratamento às situações do dia a dia, o que pode gerar muitas estratégias para as quais as provas judiciais são impraticáveis.

No caso de uma gerente que ganhe, por

exemplo, R\$ 4 mil mensais e para a qual o auditor fiscal ou juiz fixe o percentual de 30% referente à alegada diferença de remuneração ao longo de cinco anos de trabalho na empresa, o valor da multa chegará a cerca de R\$ 520.000, incluindo os encargos sociais. Se a funcionária tiver 20 anos na empresa, a multa ultrapassará os R\$ 2 milhões, mais a correção dos débitos trabalhistas.

Pelo fato de a multa poder ser aplicada a um período passado, as empresas enfrentarão situações de grave insegurança, pois não fizeram provimentos para uma sanção que inexistia na época da contratação das suas funcionárias. Ademais, uma lei desse tipo criará enormes dificuldades para as mulheres. Os empregadores terão medo de contratá-las, o que as transformará em funcionárias de alto risco. Trata-se de uma tentativa de proteção que, no fundo, as desprotege.

Este não é o momento de tratar de assunto tão complexo e de maneira açodada. Melhor seria discutir o tema, com calma, depois da pandemia e buscando soluções em medidas afirmativas como as previstas no artigo 7º, inciso XX da Constituição Federal: “proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos”, e não com base em punições. Assim é feito nos países avançados como Reino Unido, França, Espanha e outros.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

As joias da coroa

Difícil é convencer alguém de bom senso, que conhece de perto a realidade política interna da China, que o governo daquele país, em suas relações com outras nações, seria capaz de dar tratamento pacífico e complacente a pessoas de outras nacionalidades, que, eventualmente, viessem a se opor às diretrizes políticas impostas por esse regime fechado e de partido único (PCC).

Mesmo assim, nações pelo mundo afora, principalmente a partir da aurora do século 21, começaram a comercializar com aquele país do extremo Oriente, colocando de lado ou mesmo desprezando o fato de ser aquele governo um antípoda das concepções clássicas de democracia e, por extensão, dos direitos humanos e, no caso das relações comerciais, um inimigo da livre concorrência e da liberdade do mercado (Laissez faire) e do liberalismo.

Conhecendo os muitos relatos que falam de detenções em massa, torturas, mortes, abusos policiais e outros crimes contra a humanidade, praticados pelo regime ditatorial chinês, fica claro que as relações da China com o mundo são montadas sob um disfarce, como uma cópia oriental de Jano, o deus romano de duas ou mais caras a concentrar na mesma figura o passado e o futuro, que dá por uma mão e toma pela outra.

Seria possível haver relações comerciais livres, saudáveis e com base nos princípios da ética humana com alguém que despreza ou ignoraria esses valores? Essa é uma questão, que sabemos, pouco interessa no mundo dos lucros e das vantagens.

Entre nós, existem apenas dois elementos capazes de se espalhar com a mesma velocidade da atual pandemia da covid-19: as notícias ruins e as fakes news. O mais interessante é que, em algum ponto do espaço e do tempo, ambos os elementos se cruzam, gerando o que muitos conhecem por teoria da conspiração. Após o advento das redes sociais, as comunicações instantâneas e, sobretudo, do conteúdo factual dessas informações que passaram a chegar aos indivíduos e à sociedade, em grandes e aceleradas avalanches, deram origem a um fenômeno intrigante e, ao mesmo tempo, problemático que passou a afetar, de modo significativo, o comportamento de todos. Com isso, passou a ser comum que versões e fantasias cheguem ao conhecimento de todos muito antes dos fatos em si. O que, de certa forma, reforça a tese histórica de que o homem é um contador de histórias por natureza. A grande questão aqui é como separar o que é realidade e fantasia, já que as duas parecem ter a mesma origem.

Os antigos costumavam dizer que, quanto mais longe da fonte, mais a água está turva. Assim também ocorre com fatos. Essa característica vem lá de trás, da origem da humanidade, quando, na impossibilidade de entender o mundo à sua volta, os homens buscavam na fantasia e no misticismo as explicações sobrenaturais para os fenômenos da natureza. Essa herança trouxe até os dias atuais, adaptando-a ao mundo virtual da internet.

De um país sem liberdade e de quem vive em um país livre que defende uma nação sem liberdade, tudo se pode esperar.

Para a imprensa, que até pouco tempo detinha o monopólio natural da informação, isto é, as notícias, essa mudança de eixo e de mãos tem modificado, sobremaneira, o trabalho diário, obrigando os profissionais a separarem com lupa fatos e ficções. Não é por outro motivo que muitos órgãos de informações tiveram que criar um departamento especializado em checar minuciosamente as notícias, separando os grãos de areia dos fatos do oceano de boatos.

Nessa nova tarefa imposta pela aldeia global, ao trabalho da imprensa surgiram outros desafios, desta vez realizados no sentido contrário da lógica de investigação e apuração jornalísticas, fazendo o caminho inverso, ou seja, partindo dos boatos e dos sinais de fumaça para se chegar aos fatos e à verdade escondida em meio a paisagem.

É justamente com relação a esse ponto que, por exemplo, parte da imprensa nacional e internacional tem deixado de lado os efeitos da recente e perigosa pandemia do vírus da coroa, seguindo atrás dos boatos e das teses defendidas pelos teóricos da conspiração, na tentativa de chegar às fontes e às causas que determinaram o surgimento dessa doença.

Para os seguidores dessas teorias fantásticas, em um mundo cada vez mais surrealista, tudo teve início com a chamada guerra comercial declarada pelos Estados Unidos contra os superávits seguidos que vinham sendo obtidos pela China ao longo das últimas décadas e que passaram a ser combatidos pela atual administração do país.

Essa história é longa e com vários capítulos paralelos e que vão ganhando versões mais atualizadas a cada dia. O que parece real é que, por detrás desse vírus, se escondem fatos e verdades que, mais dia, menos dias, chegarão ao conhecimento de todos, levando-nos a conhecer até onde governos são capazes de ir para fazer valer questões de mercado, laboratórios, políticas e de ganhos sobre a vida de pessoas, tornadas nesse jogo cruel meros dados estatísticos e sem valor e sem qualquer respeito pela dignidade humana.

»» A frase que foi pronunciada

“Custava ferver o morcego?”

Meme viralizado nas redes sociais

Acende, ascende!

» Vários protocolos registrados, mas a iluminação das ruas no trecho 9 da SMLN está uma lástima. Moradores revoltados e inseguros.

»» História de Brasília

Ao dr. Laranja: muita gente que produz em Brasília continua jogando fora ou deixando morrer nos canteiros ou dando aos animais, verduras e legumes que poderiam ser vendidos a baixo preço. (Publicada em 01.02.1962)